

Experiência do transcendente

A consciência mais profunda da transcendência de Deus manifesta-se também nas orações de Francisco. É bem conhecido que Francisco venerava profundamente a humanidade de Cristo e que, para si mesmo e para os irmãos, fez de Belém e do Calvário uma experiência viva pela festa em Greccio e pelos estigmas do Alverne.

Desde que voltou de Damietta à Itália, porém, vai-se delineando uma evolução onde se acentua ainda mais a transcendência: *“Onipotente, altíssimo, santíssimo e sumo Deus, Pai santo e justo... o único e verdadeiro Deus, que é o bem pleno, o bem inteiro, o sumo e verdadeiro bem, que só Ele é bom, carinhoso e meigo, suave e doce, que só Ele é santo, justo, verdadeiro e reto...”* (RegNB 23, 1.28.29).

Também na carta aos fiéis e no louvor a Deus no Alverne, Francisco fala com palavras semelhantes da onipotência e da grandeza de Deus, vendo sempre ao mesmo tempo a sua bondade, louvando-a repetidamente (cf. 2CtFi, 61-62; 2CtFi, 10).

Outro resultado da experiência de Francisco com os muçulmanos se nota na maneira como ele se refere às sagradas palavras da Escritura (= *Corão*). Isso nos lembra o profundo respeito dos muçulmanos diante da palavra escrita: empregam muito cuidado para não desonrar a palavra de Deus. *“Igualmente os nomes e palavras escritas do Senhor deverão ser recolhidos, se encontrados em algum lugar imundo, e colocados em lugar decente”* (1CtCust 5; cf. CtCler 12; Test 12).

Segundo uma lenda posterior, o sultão queria cumular Francisco com presentes de todos os tipos. Conta-se que Francisco, finalmente, teria aceitado apenas uma corneta, que serviria para chamar o povo à oração, como faziam os *muezzim* (cf. Fior 24). Uma corneta deste tipo se guarda ainda hoje na capela de relíquias da Igreja de São Francisco, em Assis.

Finalmente, devemos realçar mais um ponto que, provavelmente, foi também influenciado pela viagem ao Oriente: Na sua Regra, Francisco desenvolve uma nova atitude fundamental. Aconselha aos seus companheiros como devem andar pelo mundo e como devem relacionar-se com homens de outros credos, a saber, dando testemunho de seu Cristianismo por uma presença singela, pacífica e uma atitude serviçal; só anunciando expressamente a palavra de Deus, *“quando o julgarem agradável ao Senhor”* (RegNB 126,6-8; cf. RegB 12,1).

CCFMC, Lição 16, C 3.2